

Construção *ter que* + *infinitivo*: modalidade e propriedades gramaticais do verbo *ter*

(Construction *ter que* + *infinitive*: modality and grammatical properties of the verb *ter*)

Elzimar de Castro Monteiro de Barros¹, Maria da Conceição de Paiva²

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé (FAFIMA)

²Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CNPq)

elzimar.castro@gmail.com, paiva@club-internet.fr

Abstract: This paper focus on the grammaticalization trajectory of the construction *ter que* + *infinitive* in the spoken Rio de Janeiro, taking as parameters the domain and the target of modalization expressed by this construction. Throughout a short term real-time study, we have shown that *ter que* + *infinitive* undergoes changes of modal force, which can be interpreted as a cline towards necessity/obligation [+strong] > [-strong]. The analysis allows us to evidence that this functional change is strongly related to the morphosyntactic properties of the verb *ter*.

Keywords: construction *ter que* + *infinitive*; grammaticalization; modality; morphosyntactic properties.

Resumo: Este artigo focaliza a trajetória de gramaticalização da construção *ter que* + *infinitivo* na modalidade falada da variedade carioca, tomando como parâmetros o domínio e o alvo da modalização expressa por essa construção. Através de um estudo em tempo real de curta duração (“tendência”), mostramos que *ter que* + *infinitivo* sofre mudanças de força modal, interpretáveis em termos de um *cline* de necessidade/obrigação [+forte] > [-forte]. A análise permite evidenciar que essa mudança funcional está fortemente correlacionada às propriedades morfossintáticas do verbo *ter*.

Palavras-chave: construção *ter que* + *infinitivo*; gramaticalização; modalidade; propriedades morfossintáticas.

Introdução

O recrutamento de bases verbais ligadas ao domínio de *posse* para a expressão de significados no domínio da modalidade é um fenômeno recorrente em diversas línguas, como atestam Bybee, Perkins e Pagliuca (1994); Olbertz (1998); Krug (2000); e Heine (1993, 2003). No português brasileiro, essa trajetória pode ser exemplificada, através do processo de gramaticalização do verbo pleno *ter* como auxiliar modal, em duas construções:

[V1 *ter*_{fin.} + de + V2_{inf.}]

- (01) Votei em um porque eu tinha de cumprir minha obrigação e num queria estragá meu voto. (Amostra Censo 2000, falante 31)

[V1 *ter*_{fin.} + que + V2_{inf.}]

- (02) A gente tinha horário de sete ao meio-dia, né? Então tinha que cumprir. (Amostra Censo 2000, falante 27)

Embora constituam, em princípio, alternantes com o mesmo valor modal, alguns autores pressupõem, intuitivamente, diferenças de registro entre essas duas construções: *ter que + infinitivo* associa-se ao registro coloquial e *ter de + infinitivo* a registros mais formais, ou mesmo restrito à modalidade escrita, como propõe Luft (2003). Embora “menos recomendável”, nos termos de Ferreira (2009), a construção *ter que + infinitivo* torna-se um “fato da língua”, como admite Rocha Lima (2008) ou um uso “amplamente consagrado” na modalidade falada, de acordo com Luft (2003). Na mesma direção, Bechara (2009) e Houaiss e Villar (2001) consideram o uso dessa construção “mais moderno”.

Com o intuito de verificar a expansão de *ter que + infinitivo* na modalidade falada do português brasileiro, investigamos dados de entrevistas sociolinguísticas das amostras representativas de duas sincronias da variedade carioca: as amostras Censo 1980 e Censo 2000¹ que integram o acervo do Projeto Peul/UFRJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).²

A amostra Censo 1980 é composta por entrevistas realizadas com 64 falantes de diversos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro, distribuídos segundo as variáveis gênero/sexo, faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e +de 50 anos) e por três níveis de escolaridade (primeiro e segundo segmentos do ensino fundamental e ensino médio). A amostra Censo 2000 compreende 32 falantes distribuídos, aleatoriamente, por diferentes bairros do Rio de Janeiro, e segue os mesmos parâmetros de estratificação da amostra Censo 1980. Como amostra de controle, foram analisados, também, dados de falantes de nível universitário, representados pela amostra NURC-RJ/70.³ Essa amostra compreende entrevistas com falantes cariocas, agrupados de acordo com as variáveis sexo/gênero e três faixas etárias (25-35, 36-55 e +56 anos). Foram utilizadas as entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e EF (Eloquções Formais, como aulas, conferências, palestras).

Ao que tudo indica, a construção *ter que + infinitivo* torna-se soberana no português brasileiro (PB) contemporâneo, independentemente do registro de fala, como mostra a Tabela 1, em que comparamos a frequência dessa construção em amostras de fala com diferentes níveis de escolarização e de distintos estilos de fala, no caso da amostra NURC:

Tabela 1: Construções modais com *ter + infinitivo* em diferentes amostras de fala

Construções	Censo 1980	Censo 2000	DID	EF
<i>ter que + infinitivo</i>	582 = 100%	696 = 99,3%	62 = 90%	43 = 91,5%
<i>ter de + infinitivo</i>	00 = 0,0%	05 = 0,7%	07 = 10%	04 = 8,5%
Total	582	701	69	47

Como mostra a Tabela 1, a distribuição da construção *ter que + infinitivo* nos *corpora* orais analisados revela a extensão do seu espraiamento no PB. O uso de *ter que + infinitivo* em detrimento de *ter de + infinitivo* é categórico na amostra Censo 1980 e quase categórico na amostra Censo 2000 (99,3%), entre falantes de nível médio de escolaridade. Em registros menos formais de falantes com nível universitário, representados

1 Essas amostras encontram-se disponíveis no *site*: <www.lettras.ufrj.br/~peul>.

2 Para maiores detalhes sobre as amostras, remetemos o leitor para Oliveira e Silva e Scherre (1996) e Paiva e Duarte (2003).

3 A amostra NURC-RJ/70 está disponível no *site*: <www.lettras.ufrj.br/nurc-rj>.

pelas entrevistas do tipo DID, o uso dessa construção modal atinge um percentual de 90% (RIGONI, 1995). Mesmo em registros orais mais formais (EF), como aulas, por exemplo, o uso dessa construção alcança (91,5%).

Considerando apenas os dados das amostras Censo 1980 e Censo 2000, focalizamos a trajetória de gramaticalização da construção *ter que + infinitivo* através de um estudo em tempo real de curta duração, do “tipo tendência” (LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003). Neste artigo, o nosso objetivo é mostrar, por meio de uma análise estatística controlada, realizada pelos programas GoldVarb2001, as mudanças observadas nos valores modais dessa construção, quando consideramos o *domínio* e o *alvo* (OLBERTZ, 1998; HENGEVELD, 2004) em que ela opera. Assumimos que as mudanças observadas constituem indícios de que a construção *ter que + infinitivo* desenvolve um *continuum* de gramaticalização que exemplifica bem o processo de subjetivização, na forma como proposto por Traugott (1988, 1989, 2003a, 2003b, 2010), Krug (2000) e Traugott e Dasher (2005). Além disso, trazemos evidências de que esse processo correlaciona-se estreitamente com as propriedades número-pessoais do verbo *ter*.

O trabalho compreende a seguinte organização: no item Parâmetros de modalidade, analisamos o uso da construção *ter que + infinitivo* de acordo com os parâmetros de modalidade propostos por Olbertz (1998) e Hengeveld (2004). No item A trajetória de modalização de *ter que + infinitivo*, discutimos os resultados obtidos na análise em tempo real, destacando as mudanças depreendidas na distribuição de *ter que + infinitivo* em função do *domínio/alvo* da avaliação modal. No item Domínio modal e propriedades morfossintáticas do verbo *ter* detemo-nos na correlação entre os diferentes valores modais e as propriedades número-pessoais do verbo *ter*. Nas considerações finais, destacamos as principais tendências no uso da construção *ter que + infinitivo* depreendidas entre a década de 1980 e 2000.

Parâmetros de modalidade

Uma abordagem mais completa de elementos e construções que expressam modalidade requer considerar toda a situação comunicativa, ou seja, o participante,⁴ o grau de envolvimento do locutor com o EsC (Estado de Coisas), o evento, assim como o contexto discursivo. Procurando dar conta desses diferentes aspectos, Olbertz (1998) e Hengeveld (2004) propõem dois parâmetros: *alvo* e *domínio semântico*, a partir dos quais podem ser analisados os diferentes empregos de elementos modais. O parâmetro *alvo* corresponde à parte do enunciado sobre a qual incide a modalidade (participante, evento, proposição). O parâmetro domínio refere-se à perspectiva a partir da qual o falante procede à avaliação de um EsC. Da conjugação entre esses dois parâmetros resultam diferentes combinações que permitem especificar valores modais distintos.

Prototipicamente, a construção *ter que + infinitivo* é considerada uma forma de expressar necessidade imperiosa de realização de um EsC imposta por circunstâncias externas (modalidade *extrínseca*) ou de convocar normas e princípios mais gerais de conduta (modalidade *deôntica*) (SAID ALI, 1966; CÂMARA JR., 1981; RIGONI, 1995; NEVES, 2000, 2006; dentre outros). Como já ressaltado em Paiva e Barros (2011), no domínio extrínseco, ou deôntico com obrigação instanciada por agente externo, nos ter-

4 O termo *participante* refere-se ao primeiro argumento do verbo (OLBERTZ, 1998).

mos de Cunha Lacerda (2011), a realização do EsC é imperiosa devido à atuação de contingências objetivas, independentes da vontade do enunciador. No domínio deontico, a obrigação externa é respaldada por princípios, convenções e normas compartilhadas pelo locutor, ou seja, a noção de obrigatoriedade é imposta a si mesmo pelo próprio locutor, envolvendo, portanto, um grau maior de subjetividade. Por outro lado, no domínio *epistêmico*, envolvendo um grau mais alto de subjetividade, a construção *ter que + infinitivo* pode ser utilizada, ainda, para expressar avaliações subjetivas, codificando crenças ou baseadas em um raciocínio inferencial do enunciador (CUNHA LACERDA, 2011).

Uma análise mais detalhada que considere a conjugação entre o *domínio* e o *alvo* da avaliação, de acordo com a proposta de Olbertz (1998) e Hengeveld (2004), permite identificar o uso da construção *ter que + infinitivo* com os seguintes valores modais:

Modalidade extrínseca com alvo no participante

- (03) Eu tenho que saí mermo, que eu tenho um compromisso. (Amostra Censo 2000, falante 15)

Em (03), um compromisso pessoal (circunstância externa explícita) determina o comprometimento do falante com o EsC, ou seja, a necessidade de executar a ação de *sair*:

Modalidade extrínseca com alvo no evento

- (04) Não existe brigas dentro da escola. Também é porque é só o pessoal da escola. Às vezes, quando tem festas que deixam entrá outras pessoas, aí que dá problema, né? Pessoas que moram no morro, né? Aí tem que chamá a polícia. (Amostra Censo 2000, falante 11)

Em (04), uma circunstância externa, a entrada de outras pessoas nas festas da escola, condiciona a necessidade de realização do EsC: *Aí tem que chamá a polícia*. Neste caso, a ocorrência do EsC é circunstancialmente necessária.

Modalidade deontica com alvo no participante

- (05) Daqui uns dia, tenho que servir o exército mesmo! (Amostra Censo 1980, falante 02)

Em (05), o participante se submete a uma imposição advinda de uma norma mais geral, no caso, a de alistamento militar determinada pela legislação brasileira.

Modalidade deontica com alvo no evento

- (06) Tem-tem dia... eu entro na escola sete horas, eu vou-vou ali pro ponto mais ou menos seis e meia, chega, tem que o... tem que chegar lá uns dez minutos antes de sete horas e acabo chegando sete e dez. (Amostra Censo 2000, falante 03)

Em (06), a construção impessoal *tem (se) que chegar lá* associada a um determinado horário advém de normas que devem ser cumpridas não por um aluno em particular, mas representam uma obrigação imposta por um estabelecimento escolar.

Modalidade epistêmica com alvo no evento

- (07) Mas isso é coisas que tem que acontecer na vida da pessoa, não é? O que tem que acontecer, acontece mesmo e não adianta. Nem tem nem se pode dizer que tem motivo. (Amostra Censo 1980, falante 35)

Em (07), as orações em destaque indicam a inevitabilidade de *coisas* que acontecem na vida das pessoas e, por ser óbvia, é admitida pelo falante como certa, sob o ponto de vista do conhecimento de mundo, ou seja, de convenções genéricas culturalmente compartilhadas, correspondendo, portanto, a uma avaliação inferencial.

Modalidade epistêmica com alvo na proposição

- (08) Você vê cada professor hoje em dia, que é uma comédia. Um garotão mais novo que eu, com uma barba desse tamanho, uns cabelo tudo arrepiado – é lógico que tem que estourar greve! Vai estourar greve toda hora! Toda hora! Toda hora estoura mesmo. (Amostra Censo 1980, falante 26)

Em (08), o falante, partindo de uma evidência/constatação, no caso, a idade e a aparência dos professores, expõe o seu ponto de vista (crença), ou seja, extrai uma conclusão (*é lógico que*) acerca da possibilidade de um EsC (*tem que estourar greve!*). Nesse sentido, através de uma avaliação inferencial subjetiva, o falante se compromete com a verdade da proposição.

De acordo com Coates (1983, p. 32), a modalidade de *raiz*, que compreende a modalidade deôntica, se distribui em um *cline* de força, instanciando um *continuum* entre obrigação [+forte] > [-forte]. Na mesma direção, Rigoni (1995, p. 111-112) propõe para os modais *dever* e *ter de/que* a tarefa de expressar os valores de *necessidade* [+forte] e *obrigação* [-forte] do seguinte modo: o sujeito “atribui a fatores externos, de caráter não facultativo, a imposição para a realização ou não do verbo predicador”; o valor de *obrigação* decorre, por outro lado, de imposições advindas de “lei moral, moda ou convenção social”. Desse modo, há indicações de que *ter que* + *infinitivo* associa-se aos domínios *extrínseco* e *deôntico* e pode sofrer algumas mudanças nos seus valores modais, como discutimos na seção seguinte.

A trajetória de modalização de *ter que* + *infinitivo*

A comparação no uso da construção *ter que* + *infinitivo*, nos dois períodos considerados (1980 e 2000), através da conjugação entre *domínio* e *alvo*, sugerem mudanças, embora sutis, na distribuição dos seus valores modais, como mostram os resultados da Tabela 2:

Tabela 2: Distribuição de *ter que* + *infinitivo* em função do domínio/alvo da avaliação

Domínio/alvo	Censo 1980	Censo 2000
Extrínseco → Participante	169 = 29%	150 = 21%
Extrínseco → Evento	64 = 11%	52 = 8%
Deôntico → Participante	154 = 26%	113 = 16%
Deôntico → Evento	111 = 19%	270 = 38%
Epistêmico → Evento	48 = 8%	68 = 10%
Epistêmico → Proposição	36 = 6%	43 = 6%
Total	582	696

A Tabela 2 indica que, na amostra Censo 1980, não há diferença significativa entre os valores associados ao domínio *extrínseco* (29%) e *deôntico* (26%) com alvo no *participante*. Na amostra Censo 2000, há uma redução de *ter que* + *infinitivo* no domínio *extrínseco* com alvo no *participante* (21%) e essa construção passa a predominar no domínio *deôntico* com alvo no *evento* (38%).

Nas duas amostras, o uso da construção *ter que* + *infinitivo* no domínio *epistêmico* é mais escasso, com 14% em 1980 e 16% em 2000, não havendo, portanto, nesse domínio, diferença significativa entre os dois períodos. Esses resultados desfavorecem, mesmo desconsiderando o *alvo*, a hipótese de aumento de usos mais subjetivos dessa construção. Pode ser que, no desenvolvimento desses modais, a passagem entre [-subjetivo] para [+subjetivo] compreenda etapas intermediárias que não puderam ser captadas no intervalo de tempo em análise.

Os resultados da Tabela 2 sugerem que a mudança mais relevante entre 1980 e 2000 envolve o *alvo* da avaliação modal, o que se confirma nas tendências indicadas na Tabela 3, em que desconsideramos a dimensão *domínio*:

Tabela 3: Distribuição de *ter que* + *infinitivo* de acordo com o alvo da avaliação

Alvo da avaliação	Censo 1980	Censo 2000
Participante	323 = 56%	263 = 38%
Evento	223 = 38%	390 = 56%
Proposição	36 = 6%	43 = 6%
Total	582	696

Os resultados apresentados na Tabela 3 evidenciam, na década de 1980, maior concentração de *ter que* + *infinitivo* com alvo no *participante* (56%). Nos anos 2000, por outro lado, atesta-se inquestionável predominância da construção *ter que* + *infinitivo* com alvo no *evento* (56%), o que se reflete na queda de uso dessa construção com alvo no *participante* (38%).

As tendências observadas na Tabela 3 podem ser indicativas de um alargamento no escopo da modalização realizada por *ter que* + *infinitivo*, que passa a operar sobre toda a predicação, o que, pelo menos teoricamente, abre caminho para a expansão no domínio *epistêmico*. Nesse sentido, pode-se falar de um certo afastamento da construção *ter que* + *infinitivo* do seu domínio prototípico (*extrínseco*) com alvo no *participante* para maior recorrência no domínio *deôntico* com alvo no *evento*. Embora, na amostra Censo 1980, o uso de *ter que* + *infinitivo* ainda reflita a concepção tradicional sobre essa perífrase, ou

seja, a de que ela impõe uma necessidade *interna* sobre a ação de um participante (SAID ALI, 1966), na amostra Censo 2000, essa situação muda, observando-se um aumento do escopo da perífrase que passa a incidir sobre a predicação como um todo.

Esse deslocamento pode ser interpretado em termos de mudança na força modal da construção *ter que + infinitivo*. É possível entender que os valores de *obrigação/necessidade* impostos sobre o *participante* tenham mais força, na medida em que não lhe deixam escolha; são imperiosos. Por outro lado, esses mesmos valores, quando recaem sobre o *evento*, não envolvem diretamente o *participante*, sua responsabilidade e, como operam do exterior, impõem-se por si mesmos. No entanto, não se pode ignorar que, inter-relacionada com a mudança apontada acima, está, também, a dimensão *domínio*, como sugerido pela Tabela 2, o que fica mais explícito na Tabela 4:

Tabela 4: Distribuição de *ter que + infinitivo* de acordo com o domínio da avaliação

Domínio da avaliação	Censo 1980	Censo 2000
Extrínseco	233 = 40%	202 = 29%
Deontico	265 = 46%	383 = 55%
Epistêmico	84 = 14%	111 = 16%
Total	582	696

Os resultados da Tabela 4 mostram que, na amostra Censo 1980, o uso de *ter que + infinitivo* no domínio *extrínseco* (40%) e *deontico* (46%) é equivalente. Na amostra Censo 2000, destacam-se o aumento dessa construção no domínio *deontico* (55%) e seu decréscimo considerável no domínio *extrínseco* (29%). Como já evidenciado, tanto na amostra Censo 1980 como na amostra Censo 2000 (cf. Tabela 2), há uma escassez de uso de *ter que* no domínio *epistêmico*, 14% e 16% respectivamente.

Em termos de “força modal” (COATES, 1983), podemos considerar que, no domínio *extrínseco*, as contingências externas possuem maior poder de imposição sobre a conduta do participante do que normas, regras e convenções que, pelo menos em princípio, podem ser discutidas e contestadas. Nesse caso, as duas mudanças sugeridas nessa análise estatística (quanto ao *domínio* e *alvo*) envolveriam um enfraquecimento da força modal de *ter que + infinitivo*.

Como discutimos na seção seguinte, essas mudanças de valor modal da construção *ter que + infinitivo* podem ser mais bem compreendidas se considerarmos, também, algumas propriedades morfossintáticas do verbo *ter*.

Domínio modal e propriedades morfossintáticas do verbo *ter*

Como já mostraram diversos estudos, a emergência e evolução de elementos modalizadores, na maioria dos casos, envolvem restrições morfossintáticas de um verbo em curso de gramaticalização, tal como ocorre, por exemplo, com o verbo *dever* (RIGONI, 1995), *achar* (CASSEB-GALVÃO, 1999), “*diz que*” (CASSEB-GALVÃO, 2001) e *parece que* (GONÇALVES, 2003). Essa correlação pode ser observada, também, no deslocamento de *alvo* da construção *ter que + infinitivo*, no período de tempo que separa as duas amostras, pois fornece evidências, ainda que indiretas, do maior ou menor (des)comprometimento do falante em relação ao EsC codificado.

Como mostram os exemplos a seguir, o verbo *ter* na construção *ter que + infinitivo* admite diferentes desinências número-pessoais:

1ª pessoa do singular

- (09) Carteira de identidade eu não tenho. Porque eu tirei, aí eu perdi, eu tenho que até – para mim ti- como é? Tirá-pegar outra, não é? Ainda não fui, porque eu ainda não tive tempo de ver, ir lá, mas eu tenho que ir tirar! (Amostra Censo 1980, falante 04)

3ª pessoa do singular

- (10) Eu acho que uma mulher casada, ela tem que dar maior atenção ao filho, não é? (Amostra Censo 1980, falante 24)

1ª pessoa do plural

- (11) Não, eu tenho que chegá nessa hora. Nós temos que está na nossa casa. Nos abraçar, eu tô na praia! A casa fechada sozinha! Não aceito! Viu! (Amostra Censo 2000, falante 28)

3ª pessoa do plural

- (12) Então, eles ainda têm algumas mansões que eles conservam aquele estilo, não é? Antigo, mas por dentro naturalmente eles reformam tudo, fazem tudo bonito como na Europa, não é? Na Europa, eles conservam, tem eles têm que conservar mesmo, não é? (Amostra Censo 1980, falante 48)

Considerando as diferenças enunciativas associadas às pessoas verbais, pode-se presumir que os domínios modais *extrínseco* e *deôntico*, conforme tendências já observadas em diferentes fenômenos de gramaticalização de auxiliares modais (TRAUGOTT, 2003a, 2003b, 2010, dentre outros), estejam mais fortemente associados à terceira pessoa do singular e que o valor modal *epistêmico*, dada a sua natureza mais subjetiva, esteja mais associado à primeira pessoa do singular.

Em relação à amostra Censo 1980, os resultados apresentados na Tabela 5 indicam, antes de mais nada, a predominância de *ter que + infinitivo* com formas verbais de terceira pessoa do singular:

Tabela 5: Interação entre domínio modal e pessoa gramatical do verbo *ter* – Amostra Censo 1980

Domínio modal/ Pessoa gramatical	Extrínseco	Deôntico	Epistêmico
1ª pessoa do singular	75 = 32%	43 = 16%	6 = 7%
3ª pessoa do singular	144 = 62%	210 = 79%	68 = 81%
1ª pessoa do plural	5 = 2%	3 = 1%	4 = 5%
3ª pessoa do plural	9 = 4%	9 = 4%	6 = 7%
Total	233	265	84

Destacam-se, na Tabela 5, dois aspectos: (i) embora a terceira pessoa do singular predomine em todos os domínios modais, ela é particularmente recorrente nos domínios

deôntico (79%) e *epistêmico* (81%). No domínio *extrínseco*, o verbo *ter* na terceira pessoa do singular (62%) concorre, de forma um pouco mais significativa, com a primeira pessoa do singular (32%).

Os resultados para a amostra Censo 2000, mostrados na Tabela 6, corroboram a recorrência da terceira pessoa do singular nas construções que expressam modalidade *deôntica* e *epistêmica*. Com relação à modalidade *extrínseca*, neutraliza-se a diferença entre terceira e primeira pessoa do singular:

Tabela 6: Interação entre domínio modal e pessoa gramatical do verbo *ter* – Amostra Censo 2000

Domínio modal/ Pessoa gramatical	Extrínseco	Deôntico	Epistêmico
1ª pessoa do singular	88 = 44%	43 = 11%	12 = 11%
3ª pessoa do singular	97 = 48%	315 = 82%	89 = 80%
1ª pessoa do plural	3 = 1%	9 = 3%	2 = 2%
3ª pessoa do plural	14 = 7%	16 = 4%	8 = 7%
Total	202	383	111

As tendências depreendidas para a categoria número-pessoal do verbo *ter*, na Tabela 6, contrariam, em parte, as hipóteses formuladas para esta propriedade, indicando que a construção *ter que + infinitivo* tem maior recorrência na terceira pessoa do singular, mesmo em contextos *epistêmicos*, paralelamente nas duas sincronias. No entanto, é necessário considerar que, de acordo com Traugott (2010), embora a primeira pessoa seja relevante para o desenvolvimento de significados subjetivos, nem sempre essa correlação é necessária nos processos de subjetivização. Em muitos casos, esse processo pode até ser mais evidente em orações sem sujeito explícito, ou seja, em casos onde uma interpretação arbitrária pode se impor, como no exemplo (13):

- (13) F: É aquele negócio, né? É, eu corro muito perigo aí na rua. Meus pais são contra isso. Mas como é uma coisa também alternativa pra mim e pra eles também, acho que tem que corrê atrás mesmo, foi a única coisa que apareceu aí. (Amostra Censo 2000, falante 10)

Uma interpretação para tal fato decorre, naturalmente, da importância da modalidade como uma estratégia de envolvimento do falante com a asserção (PAIVA; BARROS, 2011). No caso específico da construção *ter que + infinitivo*, tal envolvimento pode ser entendido em termos do grau de comprometimento do locutor com a *necessidade/obrigação* imposta. Considerando que as formas de terceira pessoa podem expressar impessoalidade, descompromissando o falante com relação ao EsC descrito, a sua estreita correlação com a construção *ter que + infinitivo* parece ser compatível com o que foi observado na seção anterior, ou seja, um movimento em direção à modalidade com alvo no *evento*.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, mostramos, em primeiro lugar, a soberania da construção *ter que + infinitivo* na modalidade falada da variedade carioca, independentemente de variáveis, como nível de escolaridade do falante e grau de formalidade do discurso. Com a comparação

entre as amostras Censo 1980 e Censo 2000, discutimos evidências de que a fonte da imposição contribui para determinar a força modal da construção *ter que + infinitivo*.

Desse modo, na primeira sincronia, o uso da construção *ter que + infinitivo* predomina no domínio *extrínseco* com alvo no *participante* e, na segunda sincronia, é mais recorrente no domínio *deôntico* com alvo no *evento*. Entendendo que a fonte advinda de circunstâncias externas com alvo no *participante* tem mais força imperativa sobre a realização de um EsC do que a advinda de leis, normas, regras sociais, morais etc., com alvo no *evento*, esse deslocamento sugere um enfraquecimento da força modal da construção *ter que + infinitivo*, num *continuum* de *necessidade/obrigação* [+forte] > [-forte]. Interpretamos tal mudança como uma possível trajetória no sentido de que a construção *ter que + infinitivo* passa a sinalizar menor comprometimento do falante com os estados de coisas sobre os quais se impõe uma *necessidade/obrigação*.

Essa trajetória é acompanhada por alterações na correlação entre *domínio/alvo* e pessoa gramatical do verbo *ter*. Na primeira sincronia, a construção *ter que + infinitivo* se relaciona, predominantemente, com a terceira pessoa do singular, independentemente do valor modal dessa construção. Na segunda sincronia, mantém-se a mesma tendência nos domínios *deôntico* e *epistêmico*; no domínio *extrínseco*, neutraliza-se a diferença entre a terceira e a primeira pessoa do singular, mostrando que *ter que* começa a perder o seu nicho preferencial. Afirmarções mais seguras sobre a evolução da construção *ter que + infinitivo* no português contemporâneo requer considerar, no entanto, sua inserção no conjunto de outras construções que também podem expressar os mesmos valores modais, como é o caso da construção *dever + V2* (CUNHA LACERDA, 2011).

Acreditamos, ainda, que uma explicação possível para a soberania da construção *ter que + infinitivo* na modalidade falada envolva a produtividade do elemento *que* na constituição de diferentes perífrases de modalização no PB, como exemplificam *parecer que, dizer que, querer que*. Por analogia com construções desse tipo, os falantes tenderiam a privilegiar a construção *ter que + infinitivo* e reduzir, gradativamente, o uso da sua concorrente *ter de + infinitivo*. Dado o recorte deste estudo, essa questão não foi explorada e requer outro tipo de análise empírica.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.
- BYBEE, Joan; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994. 398 p.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. 266 p.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1999.

_____. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão “diz que”*. 2001. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2001.

COATES, Jennifer. *The semantics of the modal auxiliaries*. London; Canberra: Croom Helm, 1983. 259 p.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. (Inter)subjetivização no domínio da modalidade: o processo de gramaticalização das construções modais *ter que + V2* e *dever + V2*. *Guavira Letras: Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, Três Lagoas, v. 13, n. 1, p. 151-164, ago./dez. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

HEINE, Bernd. *Auxiliares: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993. 162 p.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HENGEVELD, Kees. Illocution, mood and modality. In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim (Ed.). *Morphology: an international handbook on inflection and word-formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201. (Handbooks of Linguistics and Communication Sciences).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

KRUG, Manfred G. *Emerging English modals: a corpus-based study of grammaticalization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. 332 p.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994. v. 1. 625 p.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003. 544 p.

NEVES, Maria Helena de Moura. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades. *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 115-145, 2000.

_____. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151-221.

OLBERTZ, Hella. *Verbal periphrases in a functional grammar of Spanish*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998. 585 p.

OLIVEIRA E SILVA, Gisele Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. 395 p.

PAIVA, Maria da Conceição de; BARROS, Elzimar de Castro Monteiro de. Construções modais com ter: gramaticalização e variação. *Diacrítica*, n. 25-1, p. 261-284, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 13-29.

RIGONI, Maria Cristina. *Modalidade e gramaticalização: estratégias discursivas na fala carioca*. 1995. 203 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1995.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. 553 p.

SAID ALI, Manuel. Haver e ter. In: _____. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. p. 113-121.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Pragmatic strengthening and grammaticalization. *Berkeley Linguistics Society*, v. 14, p. 406-416, 1988.

_____. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, v. 65, n. 1, p. 31-55, 1989.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. (Ed.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003a. p. 624-647.

_____. From subjetivization to intersubjetivization. In: HICKEY, Raimond (Ed.). *Motives for language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b. p. 124-142.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (Ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2010. p. 29-74.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 341 p.